

FUTURO SUSTENTÁVEL – PLANO ESTRATÉGICO DE AMBIENTE DO GRANDE PORTO

PENSAR O GRANDE PORTO

Libertar a cidade das ditaduras

Invadidos e encharcados de chavões e modas, eivadas de fanatismo e pouco inspiradas numa orientação racional da vida humana, verificamos que ambiente e ecologia continuam a usar-se e a gastar-se a nível linguístico, enquanto na nossa cidade, bela em qualquer parte do mundo, se continua com medo de tomar banho na praia e se vai passear, por exemplo, sobre a graciosa pontezinha do jardim do Cálem olhando em baixo, com nojo, a porcaria do esgoto.

Apesar dos últimos espaços marginais construídos com grandiosidade e vistas largas, a cidade, que tem esta bênção de rio e mar e não a aproveita plenamente, não sabe o que é respeito pelo ambiente.

Porque se queima dinheiro em tanto fogo de artifício? Tanto fogo fátuo, que é sempre a mesma coisa! Porque se armam e desarmam estruturas à frente da Câmara para mais um conjunto barulhento? Porque tanto se andou em danças e andanças a desperdiçar dinheiro no jardim da Cordoaria, que apenas precisava de ser limpo e replantado? E porquê uns bancos com uma bonecada em séries repetidas, disparatadamente a tirar o lugar aos velhos, a quem parecem estar a ridicularizar?! Porque vão os dinheiros do Município para uma arte infantil, quando a cidade está à espera de condutas que atirem com o conteúdo dos esgotos para o mar alto, longe da nossa vista?

Porque não canalizar todo o dinheiro disponível para um ixotor que nos liberte de olhar a nossa porcaria enquanto contemplamos as belezas de água, que Deus concedeu à nossa cidade?! É triste gozar o belo passeio sobre as praias da Foz e, aqui e ali, mesmo sob os bancos fronteiros ao Aquário, os esgotos teimando em lembrar-nos que somos alma com asas, mas também lixo...

E porque não compor o piso horrível de grande parte das nossas ruas, onde os doentes de ossos partidos gritam a cada solavanco, em carros e ambulâncias, geralmente sem colchão amortecedor?

A construção da Etar na Pasteleira, numa das zonas residenciais mais lindas, debruçada sobre o rio e à vista do mar, mostra como se anda alheado da noção ambiental, instalando o tratamento de águas residuais, com a sua inestética construção e os seus futuros cheiros pestilentos, tal como sucede noutras estações similares (na Barrinha de Esmoriz, por ex) e roubando descaradamente aos cidadãos aquele espaço privilegiado de beleza.

Qualquer leigo dirá que uma pensada canalização das águas e esgotos exactamente para o lado oposto, ou seja, para o interior, permitiria magníficas zonas de agricultura, a perder de vista, naturalmente bafejadas com rega e adubo. Só que isso, sim, para já, seria talvez uma despesa incomportável! Mas porque não ir pensando nisso, enquanto se atiram para longe, no mar com os nossos esgotos?

Está graciosa, quase sugestão chinesa, a pontezinha à entrada do jardim do Cálem, mas é triste ver desembocar debaixo dela os resíduos do hospital, procurados pelas taíñas que se alimentam da nossa porcaria e alguns pescadores ignorantes que se deliciam a pescar... e, com certeza, a comer!

Ora, depois de tratados em estações especiais, os resíduos hospitalares serão adubo fertilizante riquíssimo para a agricultura. E se começássemos a não desperdiçar o que temos, canalizando o mais que se pudesse para zonas agrícolas de interior? Para aí seriam também canalizados os seres humanos marginais que vadiam pelas nossas ruas, bem como os presos, obrigados a trabalhar.

Engenheiros esclarecidos terão de pôr mãos à obra e às autarquias caberá gerir espaços agrícolas colectivos, onde os guardas prisionais, técnicos de assistência e até pessoal dos quartéis guiarão os cidadãos desorientados para o trabalho produtivo. Evita-se também a ociosidade, que é hoje, durante o chamado serviço militar, uma mera escola de vícios, nomeadamente do álcool. Relativamente à marginalidade que habita as ruas do Porto, em andrajos e colchões velhos, tal como à dos mais jovens, na maioria drogados e com sida, dir-se-á que não poderemos obrigá-los a trabalhar. Mas se todos somos obrigados a trabalhar se queremos comer, porque não ensinarmos-lhes o ditado “Quem não trabuca não manduca”? Por serem escravos do vício é que hão-de ter o

privilégio se lhes dar de comer sem nada fazerem?! “Muito come o tolo, mas mais tolo é quem lho dá.”

Urge, pois, limpar a cidade : mar, rio, deixar usufruir o cidadão:
- dos espaços mais belos e das ruas limpas de toda a poluição de seres humanos degradados, desarrumando a cidade
- da segurança controlando os que a ameaçam.

E se há um louvável serviço de voluntariado (ao que se sabe, dos Jesuítas) a visitar todas as noites, os marginais, porque não canalizar toda a solidariedade para zonas periféricas, sobretudo agrícolas, em que se incentive a terapia ocupacional, a partir duma base de yoga e sofrologia social, música e canto?

ORDENAÇÃO RACIONAL DO TRÂNSITO

A limpeza do ambiente da cidade passa pelo velho problema da ordenação do trânsito, que é tarefa de que a Câmara não deve demitir-se. Transportes rápidos e frequentes são profilaxia da saúde mental do cidadão trabalhador!

Se há ruas que não dão para o trânsito que ali permite passar, que a Câmara o não permita. E uma dúzia de reboques a retirar activamente os carros que abusem servirá de lição. E, sobretudo, que o serviço de rebocar se faça pagar bem! O que toda a cidade afirma é que a Câmara não quer perder as multas e por isso mantém o caos. É urgente desmentir essa difamação.

HIGIENE MENTAL E CÍVICA contra a DITADURA DA PORCARIA

Limpar a cidade deverá naturalmente partir de:

- limpar a tv da sua deseducação
- limpar a cidade da publicidade escabrosa que tem vindo a ser permitida pela Câmara em gigantescos cartazes de rua e autocarros, já sem falar de papelarias e quiosques, como se fossem poucos os casos de mães adolescentes, de violações e todo o desequilíbrio de valores a esquisofrenar as crianças (futuros jovens inadaptados) que vêem diariamente as “mães”, ou quejandas, nuas e em atitudes de fornicção, que no ser humano normal devem ser em privado.
- limpar a cidade invicta, como outras, património mundial da cultura, mas neste caso património também do estrume de rua, tal qual uma “Índia, onde passa la Madona Vaca Sagrada, com su bosta”, aqui substituída pelo adorado Cão que vem ostensivamente defecar à via pública, transformando a cidade

em retrete e nitreira canina, que ninguém proíbe com medo à Ecologia Animal, que é hoje ditame imperioso da moda indiana (passar mal ou morrer à fome, sim, mas respeitar o Bicho! É de igual valor ao nosso porque tem alma! Só lhe falta falar, mas pode ser um homem castigado em metempsicose e de qualquer forma é um deus a venerar!) e passou de moda o Homem bíblico que domina a terra e submete os animais. Interessa é que os bichinhos sejam felizes, coitadinhos, porque o budismo e outros ismos estão na berra.

Agora se os cães correm à solta atirando velhinhos ao chão, caras pisadas, roupas rasgadas dos que são abocanhados, monstros causando terror às criancinhas, que matam de vez em quando ao irritarem-se com o choro delas - não é nada de escandalizar, já que os humanos são racionais e também matam!

Matilhas colossais vadias aterram certas zonas do Porto e arredores, até Miramar, dum lado, até Leça, do outro e as Câmaras têm medo de as abater por estarmos na onda de tudo o que é “selvagem”, a proteger com carinho. É a era de alienação do Homem, a abafar a sua verdade, que é a bíblica, de filho amado por Deus, criado à Sua semelhança e rei da criação, a exercitar a sua inteligência: construindo casas-refúgio do frio e das feras, libertando-se das pragas, desde a pulga, formiga, mosquito, barata ao rato, peixe-aranha, tubarão... e de tudo que incomoda.

Usar a inteligência é não nos sujeitarmos a nadar, quando os inconscientes donos trazem o canino a urinar, nem a praias urinadas por cães, onde se pode apanhar a febre da carraça.

Separar o trigo do joio é não confundir passarinhos que cantam nas poucas árvores que ainda existem com o horrível ladrar anti-musical, que até os bichos das Reservas detestam.

Se a liberdade dada ao Homem o faz descer, regredindo ao comportamento de violência e depravação que se espelha e divulga televisivamente, que as Câmaras ao menos tentem limpar e disciplinar a cidade, obrigando o homem a evoluir, a ter bom gosto, a usar a inteligência, a não se agarrar à futilidade de viver na adoração dum bicho, quando há tanto que fazer no campo imenso da solidariedade humana. Tem de se obrigar o Homem a ser Homem, o que poderá facilitar-se sem o paradigma animal de violência e poluição, elevando o seu sentido estético.

Para limpar a cidade, começemos por limpar as cabeças, desmistificando.

A televisão poderá ajudar através de bons programas educativos, que as universidades deverão fornecer, num sentido humanista. Cada um tem os seus direitos privados, desde que não entre em casa do vizinho com poluição sonora ou olfactiva.

As pessoas deveriam ser multadas se não colocam os lixos dentro dos contentores, fechando-os. Os avisos são sempre bem-vindos. Para elaborar adubos a partir dos lixos, deve-se educar a população a fazer a sua separação, informando-se bem do quê e para quê através de programas televisivos, em hora nobre, explicando melhor e mais acessivelmente do que os desdobráveis, já há tempos, distribuídos à população. E que, como já tem sido dito nos jornais, nenhum cidadão veja nunca mais o seu lixo, separadamente distribuído pelos 3 contentores diferentes, a ser recolhido para um só reservatório comum, pelo funcionário cansado, cheio de pressa, ou quiçá algo utilizado!

CONSCIENCIALIZAR O HOMEM DO SEU VALOR E DA DITADURA DOS SÁDICOS

Quando se fala do sadismo anti-humano, anti-fraterno de exhibir a arma canina nas ruas, praias e jardins, esquecemos o outro lado da questão que é, essa sim, é mesmo contra a moda da ecologia animal, contra o budismo e sua reciclagem no bicho, enfim contra todo o sentido da compaixão humana que leva a defender todo o ser do massacre, do sofrimento inútil : todo aquele que obriga um animal de certas características a viver aperreado num apartamento sem espaço para correr, castrando-lhe as energias e a liberdade é um inconsciente, imaturo... e fiquemos por aqui.

Alguém dirá : Ui, que preocupação com a felicidade dos bichos, quando a maioria das crianças vive sufocada num andar exíguo que nem merece o nome de casa, quando não asfixiada num quarto único com toda a família ou num barraco, humanamente impróprio!

Evite-se todo o mal que se puder. Se há tantas competições desportivas e artes marciais para entreter os sado-masoquistas, porquê continuar a massacrar os touros? (Graças a Deus, não é problema do Porto, que já tem, em acção, sadismo que chegue! É apenas para termos uma visão de conjunto do nosso país.) Se as experiências em cobaias são úteis ao Homem, façam-se, porque toda a natureza é para seu bem, sem mitificações de filósofos diminuídos por falta de auto-estima, a equipararem-se aos animais, querendo anular o valor infinito dos Humanos, dotados de

imaginação e intuição ilimitadas, o que seguramente nos faz crer no Grande Computador Central, de que somos terminais.

Poupe-se a água e a luz, as florestas e poupe-se toda a dor inútil e desnecessária e eduque-se o Ser Humano para desenvolver a consciência a ponto de, como os grandes Homens, dar prioridade ao Homem e não publicitar comida para animais quando tantos Humanos não a têm, desperdiçar o tempo a passear o animal quando crianças e velhos tanto desejam um momento de atenção, na nossa própria rua, talvez, ou pelo menos no lar de 3ª idade mais próximo, quantos adorariam ter com quem conversar, simplesmente para recordar vidas que poderão ser iguais à nossa e constituir para nós grande lição.

Tornemos o cidadão consciente do seu papel individual e colectivo na construção do bem-estar e evolução da Humanidade.

Ensinemos aos mais novos o que é respeitar-se e respeitar, não fumar pela sua saúde e pela dos outros, não adoecer por comer demais (que é já comer o que é dos outros!) e não fazer exercício, vindo a dar trabalho aos hospitais, asilos e famílias, ter ciúmes do que se gasta em alimento e médico com um cão e gato, enquanto grande parte da Humanidade morre à fome, ter ciúme do cão que passeia ao Domingo de carro, quando tanta gente gostaria ... Ser consciente é envergonhar-se da inversão de valores, tão irracional!

Há pouco foram definidas pelo Governo as raças caninas perigosas. Para quê mais teoria inútil sem respeito pela protecção efectiva dos cidadãos?! Continua a permitir-se que cidadãos vazios de alma continuem sadicamente a passear, frente ao cidadão desarmado, com as “sofisticadas armas de 4 patas” dos seus “cães assassinos”, já tão provado em mordidelas e mortes, sobretudo, de crianças e até dos próprios donos! (Lembre-se o caso ocorrido em Matosinhos.) “Quem com ferros mata com ferros morre”.

DITADURA DA POLUIÇÃO SONORA, DESNECESSÁRIA

Outro aspecto da limpeza urbana é o do ruído:

- das motorizadas, inclusive da própria polícia! As “vespas” são, como outros, insectos indesejáveis a zumbir sem dar qualquer mel.
- dos foguetes que às 8 horas de certas manhãs de Domingo acordam a população e do fogo dos dias festivos que deverá ter o cuidado de evitar o ruído agressivo e inútil, nomeadamente dos morteiros, que são autênticos tiros de canhão e aterram bebés e

crianças de tenra idade das zonas circumvizinhas, assustando a própria bicharada, mais sensível que certos humanos de ouvido ainda não educado.

- dos altifalantes instalados em épocas de santos populares, com música em decibéis insuportáveis para os ouvidos de pessoas civilizadas, em massacre contínuo durante uma série de dias que são para os estudantes vésperas de exames.

- dos cláxons dos carros aquando de vitórias futebolísticas, disparatadamente prolongados pela noite dentro, sem deixar dormir quem precisa.

- dos latidos furiosos e uivos da “última fera entre os homens”, que pelo dia fora e noite dentro atordoam os ares, sem sossego sequer para doentes hospitalizados, encontrando-se o cidadão civilizado com os seus direitos abaixo dos que são assegurados aos animais das Reservas, onde é proibido o cão e o ruído para o bem-estar dos citados usufruidores desses paraísos, que o ser humano olha com inveja e infinita tristeza, pensando na sua cidade encaixotada, obrigado a ouvir os despejos e tudo o mais do andar de cima, acrescido do dito ladrar furioso que não deixa ouvir os passarinhos e praticamente inviabiliza o efeito dos tranquilizantes e sonoríferos, pagos em parte pelo Serviço Nacional de Saúde.

AMBIENTE : DITADURA DO AROMA IRRACIONAL NA CIDADE

Um espaço paradigmático para fumar é, por exemplo, o escolhido no tribunal de S. João Novo e na Loja do Cidadão: no 1º o corredor, no 2º o átrio interior que é local de passagem para outras áreas. Ambos sem janelas, sem possibilidade do cidadão que passa se libertar daquela ditadura que lhe é imposta irracionalmente!!! Tal como a dos cães.

É o direito a incomodar os outros! Em nome da liberdade?! Quem não está arrebanhado pela FUTILIDADE E CARNEIRISMO DA MODA IRRACIONAL não se pode queixar, porque provoca cólera.

Cafés e restaurantes estão vedados a pessoas que prezam a sua saúde e a roupa limpa ou teriam de servir-se da lavandaria de cada vez que ficasse entranhado o cheirete a cigarro.

ESPERANÇA E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Educar para poupar água e tanta coisa, bem como evitar toda a forma de agressão, inclusive à paisagem citadina, assegurará que

não se torne a destruir, no Porto, nenhum Palácio de Cristal, nem se cravem no coração da cidade mais espinhos como o mamarracho em frente à Sé e ao antigo Arquivo Histórico, o qual foi encoberto pelo dito “caixote” moderno. E porque não haverá de ter remédio esta leviandade da Câmara?

A cidade não deveria ser apunhalada no espaço comum, educando-se o cidadão para o respeito sagrado pelo outro e pelo que é de todos! E, a propósito, quer se trate de autarcas, quer de artistas, o público tem de deixar desfeiar a sua querida cidade, sem apelo? Tem de passar ao portão de Serralves e ver a colher vermelha, berrante, monstruosamente grotesca, do tamanho dum grosseiro gigantone, a estragar a beleza suave do jardim?! Como um espinho enterrado no nosso coração, ávido da suavidade que não se encontra sempre nos modos bruscos dos concidadãos e na coprolalia da gente tripeira.

Quem frequentar o Teatro do Campo Alegre apanha, volta e meia, com um bombardeamento de “folhas e carvalhadas” e, no entanto, pagou para ver os óptimos actores da Seiva, que representam aquele campo triste com o que pensam que merece um povo que de graça, pelas ruas e autocarros, se enfeita de palavrões. Ora, bem, se os próprios jornalistas, que educam o gosto e fazem a opinião do público, os usam escritos nos jornais, para serem engraçadinhos, mesmo que a piada falte... que fará...! Claro que há os cómicos da capital que pela tv ensinam as bases para continuar o país reles, de que falava Eça.

Vai-se aos outros teatros do Porto : escola de abandalhar a relação sexual ali, em publico, sobre o palco, obrigando o espectador que pagou a ver as lubricidades privadas dos outros! E mais jovens confusos, deprimidos, a esquisofrenar perante o desequilíbrio,o caos humano...

O Ambiente é o Bem-Estar do Homem.

Não depende de mitos, nem de modas, de ressuscitar dinossauros ou adorar feras que continuam a fazer sofrer o Homem. Isso é uma oca alienação de quem não tem a consciência de quem é e do que é o Humanismo.

Estudantes universitários do 1º ano escandalizam a cidade, arrebanhados como idiotas por candidatos a doutores completamente desmiolados e fúteis, que exibem os colegas em actos infantis, ridículos, quando não indecorosos, revoltando o povo

trabalhador, em dias úteis, um tal espectáculo de vadiação inútil, que vai deseducando os futuros cidadãos.

Propõe-se a escrita dum bom argumento, (no que poderíamos ajudar) a ser filmado na Escola das Artes da U.C. mostrando aos estudantes o modelo do ICBAS em que o caloiro é ambientado, visita o museu Abel Salazar, enfim usa a cabeça, durante o tempo da praxe. E acabe-se com as ditaduras da estupidez!

CONCLUSÃO E PLANO DE ACÇÃO

O AMBIENTE é construído pela higienização de tudo:

Higiene mental dos cidadãos que lhes proporcione saúde e equilíbrio, que resulte em segurança e sossego, fontes de bem-estar citadino. A higiene mental dos cidadãos tira vantagem da ordenação do trânsito e duma boa rede de transportes que, assegurando a vida normal do tráfego urbano, é profiláctica da saúde mental, prevenindo a angústia e a conseqüente depressão, responsável por tanto absentismo ao trabalho, tantos trabalhadores com “baixa” e tanta despesa em medicamentos.

Higiene das ruas e dos espaços, essencial para uma cidade agradável, sem perigos dum cidadão escorregar em papel caído nos passeios, a tradicional casca de banana e, hoje, graças à moda vinda de Paris e de países considerados mais evoluídos, em parte trazida por emigrantes : estrume resultante do defecar dos cães exibido nas ruas, transformadas em retretes, sendo a referida cena, olhada com todo o amor e carinho do dono, imposta aos restantes cidadãos, que tentam virar o seu rosto, sensível, poupando-se à náusea e ao espectáculo tão ao gosto da época, talvez já cansados de algo paralelo em seres humanos, cuidando crianças, velhos, entrevados, doentes nos hospitais!

Só a educação poderá transformar o Homem num ser pensante, consciente, que viva a construir a sua própria evolução e não vegete num carneirismo acéfalo, escravo de modas, vivendo para o fútil e para o supérfluo, desconhecendo-se e desconhecendo que está no mundo exactamente para viver na atenção ao outro, não podendo ser feliz se não fizer feliz o outro, compreendendo que o “orgulhosamente só” do salazarismo é fonte da “paz podre”, da alegria artificial, da pseudofelicidade.

SUGESTÕES DE ACÇÃO

1ª

Porque a Câmara é a nossa Mãe, isto é, a Mãe da Cidade, propõe-se uma Comissão de Cidadania ou Comissão de Voluntários da Educação do Cidadão, que mais não será do que uma Reunião periódica aberta, talvez mensal, que em espaço da autarquia, enchendo por ordem de chegada, faça um balanço com sugestões, que pela sensatez, equilíbrio, racionalidade e sentido estético passe a ser considerada como guia das actividades municipais.

Acreditamos que este órgão voluntário poderá fomentar o espírito de cidadania, atendendo aos problemas que requerem acções locais específicas, levando ao diálogo e espírito de grupo ou à análise geral e sugestão de medidas necessárias para todos os munícipes.

A Comissão Voluntária da Cidadania poderá ser secretariada por estudantes universitários ou do ensino secundário, sendo a acta individual ou colectiva entregue a todo o Município, que assim se tornará mais consciente e se sentirá mais responsabilizado na consecução das sugestões ou alertas feitos, apenas com o sentido de colaboração cívica. Divulgada a acta, em jornal académico, poderá eventualmente suscitar estudos e investigação.

Poderá evidentemente servir de ponto de partida para artigos de especialistas, não presentes nas Reuniões da CVC, mas que, informados através dos jornais possam dar achegas úteis.

2ª SUGESTÃO

Este Concurso sobre o Ambiente deverá ter continuidade noutra, a nível de argumento e, posteriormente, de realização de pequenos filmes ou série que eduque o cidadão, tornando-o mais consciente, bem como à autarquia. Porque não continuar a Universidade Católica preocupada com o Ambiente? Através da Escola das Artes, nomeadamente Teatro e Cinema, programas televisivos periódicos deveriam informar de forma ideal, que é a latina “ridendo castigat mores”. Durante o Verão, porque não utilizar espaços da cidade e ou grandes écrans para educar os cidadãos?

A festa da convivência e sentimento de fraternidade humana, que tanta alegria nos deu, nos jogos do Euro, unidos em frente do mesmo écran gigante em largos citadinos, com um só coração, ou

seja, na harmonia do mesmo objectivo que nos irmanava, lembrou-nos possíveis festas que estão por fazer e que igualmente aquecerão o coração do público, um pouco mais acima do pé e da bola : bom teatro, bom filme, terminado com alegre canção alusiva à mensagem rica, que passou, para educar a nossa cidade, o nosso povo, as nossas crianças, as obstinações dos adultos enquistados em privilégios e preconceitos... porque há tanto para fazer e melhorar, se quisermos e compreendermos que o Homem é um ser infundavelmente reciclável.

Teresa Mesquita